

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL**

**A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA RUPTURA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

**MATINHOS**

**2014**

**JOANA D'ARC DE JESUS**

**A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA RUPTURA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Fabiana Cristina Bonin.

**MATINHOS**

**2014**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>6</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>8</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>9</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>13</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>15</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>16</b>

## A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA RUPTURA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Joana D’Arc de Jesus<sup>1</sup>

Fabiana Cristina Bonin<sup>2</sup>

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

**RESUMO:** Esta pesquisa tem por objetivo coletar dados junto aos alunos do Colégio Estadual Anchieta – Ensino Fundamental, Médio e Normal, localizado no município de Cruzeiro do Oeste/PR, por meio de um questionário para sondar a ocorrência ou não do preconceito linguístico dentro da escola e trabalhar a conscientização da valorização de todos os tipos de linguagem levando em conta o contexto social e histórico do falante. A pesquisa está voltada ao homem do campo, especificamente o pequeno agricultor, com seu trabalho na terra, pesado e pouco remunerado, suas dificuldades para estudar, seu linguajar característico, sua maneira de vestir, seus costumes, uma classe considerada inferior pela elite e pela sociedade de maneira geral. Tem como objetivo a valorização do campo e de quem vive e trabalha nele, mostrando e evidenciando suas potencialidades, procurando mediar a importância do rompimento de todo e qualquer tipo de preconceito e de discriminação que maltratam as pessoas.

**Palavras chave:** Preconceito; Conscientização; Valorização.

### 1 INTRODUÇÃO

A linguagem está presente no cotidiano de tal forma que não permite a percepção de sua complexidade e nem de sua importância na comunicação entre as pessoas.

Sua origem é baseada em várias teorias, mas ninguém sabe ao certo como surgiu e de como a adquirimos tão facilmente.

---

<sup>1</sup> Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo - EaD, Universidade Federal do Paraná - Polo UAB de Cruzeiro do Oeste - PR, [joana.darc.jesus@hotmail.com](mailto:joana.darc.jesus@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Biológicas; Esp. em Morfofisiologia do Organismo Humano, Esp. em Mídias Integradas a Educação, Esp. em Educação a Distância, Professora de Ciências da Rede Estadual de Ensino; Orientadora. [fbonin@gmail.com](mailto:fbonin@gmail.com)

Chomsky<sup>3</sup> em sua hipótese inatista argumenta que a criança desde que nasce parece estar equipada de um mecanismo que lhe permite aprender qualquer língua numa velocidade surpreendente. Segundo os estágios de aquisição da linguagem que são observáveis em todas as línguas do mundo a criança a partir dos dois anos de idade é capaz de formular regras e utilizá-las em novos contextos gramaticais sem que para isso tenha sido ensinada. Segundo Oliveira (1999, p 42), “é a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem”. Os primeiros contatos da criança com a linguagem acontecem no seio familiar e nos momentos de socialização com a comunidade na qual a criança está inserida.

Os seres humanos se diferem na maneira de vestir, na alimentação, nas crenças, nos costumes e com a linguagem não é diferente. Milhares de línguas já existiram em todo o mundo, muitas morreram e outras sofreram transformações profundas no decorrer do tempo (domínio dos povos, migrações ocorridas entre os continentes, etc).

O Brasil por sua vez pode ser considerado o berço da diversidade. Aqui, antes da dominação portuguesa<sup>4</sup> estima-se que cerca de 4 a 5 milhões de índios (nativos) habitavam essas terras, e cada tribo com suas próprias peculiaridades, com seu idioma e costumes distintos. Considera-se segundo Rodrigues (1993, p 91) que “havia em torno de 1000 línguas indígenas diferentes, quando os portugueses desembarcaram no Brasil” e com a diminuição dos povos indígenas o autor estimou que cerca de 180 línguas ainda eram faladas no país, perfazendo apenas 15% da quantidade de línguas que existia no Brasil há 500 anos.

O tráfico de escravos e a imigração foram fortes fatores que influenciaram o nosso idioma. O resultado das diversas culturas em nosso território fez com que a cultura dominante (elite) com a imposição de uma gramática normativa se colocasse acima das outras, depreciando o outro por seu modo de falar sem levar em conta sua visão de mundo, favorecendo o preconceito linguístico com relação a outras variantes.

---

<sup>3</sup>Avram Noam Chomsky é um linguista, filósofo e ativista político estadunidense. É professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Seu nome está associado à criação da gramática gerativa transformacional. <http://www.infoescola.com/biografias/noam-chomsky/>

<sup>4</sup>Segundo publicação no site Mundo Educação na disciplina de Geografia Humana do Brasil por **Wagner de Cerqueira e Francisco**, Graduado em Geografia – <http://www.mundoeducacao.com/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>

Com o intuito de verificar se os alunos do Colégio Estadual Anchieta - Ensino Fundamental, Médio e Normal do município de Cruzeiro do Oeste/PR, têm conhecimento do que seja variação linguística e das variantes que a língua possui relacionadas à região, idade, nível cultural, classe social, etc., com destaque as pessoas que vivem e trabalham no campo, foi realizado um levantamento de dados por meio de questionário.

É importante que todos conheçam a história de sua língua mãe, as influências que o Português sofreu no decorrer do tempo e perceber que a língua não é algo estático, ela é viva, está sempre se modificando, inovando até chegar os dias atuais. Esses conhecimentos possibilitarão aos alunos conscientizar-se do valor e da riqueza da diversidade cultural, no que diz respeito a língua usualmente falada nas diversas regiões/localidades e dispensará maior apreço à ela que é a base da cultura brasileira além de reconhecer a linguagem como um meio privilegiado de comunicação e interação entre as pessoas e não uma forma de censura gerada pelo preconceito.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

A Linguística é definida por muitos estudiosos como a ciência que estuda a linguagem verbal humana. Como as outras ciências ela também se apoia em observações conduzidas através de métodos e se fundamenta em uma teoria. Ela possui várias divisões conforme suas considerações.

O linguista procura descobrir como a língua funciona e estuda toda e qualquer manifestação linguística, com mais ênfase as variações e seus motivos socioculturais do que a norma padrão da língua imposta pelo ensino tradicional da gramática normativa ainda considerada pela elite da sociedade como a maneira “correta” de falar favorecendo o preconceito contra as variedades não padrão.

O preconceito linguístico refere-se aos modos pelos quais os falantes conseguem comunicar-se por meio de expressões linguísticas, isto é, falantes ou grupos inteiros de determinadas comunidades empregam formas linguísticas divergentes do padrão e por isso sofrem julgamento preconceituoso e sua linguagem é considerada incorreta, feia, imperfeita. “O preconceito linguístico é mais precisamente o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e,

consequentemente, humilhante da FALA DO OUTRO (embora preconceito sobre a própria fala também exista)” (SCHERRE, 2008, p. 12).

Esse tipo de preconceito não tem embasamento científico. Ele integra uma tradição, que é passada, geralmente, pela família, disseminando na sociedade essa cultura preconceituosa que gera ofensas sempre presentes no cotidiano de pessoas menos privilegiadas. Bakhtin esclarece que "conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra” (BAKHTIN, 1988 [1929], p 147).

Os camponeses, principalmente os jovens, sofrem com a visão negativa do campo e do ser camponês devido aos estereótipos criados na Literatura. O Brasil as questões urbanas são mais valorizadas que as questões rurais consolidando a visão que associa a população do campo ao atrasado e ao não moderno. “Sob este ponto de vista o camponês brasileiro foi estereotipado pela ideologia dominante como fraco e atrasado, como Jeca Tatu.” (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2004, p 31). A sociedade faz uma relação do camponês ao grosseiro, ignorante, malcriado, rude, inculto, sem arte e de linguajar “caipira” o que por vezes, pode fazer com que os moradores do campo sintam-se inferiorizados.

Em seu livro *Preconceito linguístico - o que é e como se faz* (2002), o escritor Marcos Bagno, partindo do princípio de que a língua é viva, conclui que tudo aquilo que se contrapõe a esta condição está morto. Nesse sentido, a gramática e os gramáticos tradicionais, na sua concepção, são considerados como “uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um igapó, à margem da língua.” (BAGNO 2002, p 10). Faz uma comparação da língua com a água do rio Igapó, que se renova, ao passo que a gramática normativa, envelhece estagnada, mas preservada e prestigiada, no entanto, preconceituosa e prejudicial à vida social “[...] o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários [...]” (BAGNO, 2002, p 56).

Bagno, (2002, p 15-69), relaciona oito mitos para analisar a construção do preconceito linguístico:

1- Em todo o território brasileiro só se fala a Língua Portuguesa – a diversidade linguística existente no Brasil não é reconhecida; 2- Só em Portugal se fala bem o Português - por acharem ser um país mais “civilizado”; 3- O Português é

muito difícil - seguem-se as regras da Gramática Normativa de Portugal dificultando os falantes no seu cotidiano; 4- Aquele que não tem instrução, fala tudo errado - preconceito social; 5- No Estado do Maranhão é que se fala melhor o português - apenas porque ainda utilizam algumas formas do português clássico; 6- O certo é falar assim, porque se escreve assim - nem todas as pessoas falam a sua própria língua de maneira idêntica; 7- Para falar e escrever bem tem que saber gramática - a finalidade primeira da gramática foi a descrição do funcionamento da língua, com o tempo se transformou em instrumento ideológico de poder e controle social; 8- Para se ter ascensão social, uma maneira é dominar a norma culta - como ironizou o próprio Marcos Bagno (2002, p 69), se essa afirmação fosse verdadeira, os professores ocupariam o topo da pirâmide social, econômico e política do país.

Portanto é certo, quando o autor diz que “falar da língua é falar de política e que se não for analisado desta forma, estaremos contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do “irmão-gêmeo” dele o “círculo vicioso da injustiça social” (BAGNO, 2002, p 72).

Com esses mitos o autor relaciona o preconceito a questões sociais e regionais.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa se iniciou por meio de uma busca bibliográfica em autores como: Marcos Bagno, Aryon Rodrigues, Maria Marta Pereira Scherre, Miguel Gonzales Arroyo, e outros.

Na etapa seguinte foi elaborado um questionário com a finalidade de averiguar se os alunos do Colégio Estadual Anchieta – Ensino Fundamental, Médio e Normal, localizado no município de Cruzeiro do Oeste/PR, têm conhecimento do que seja variação linguística e das variantes que a língua possui relacionadas à região, idade, nível cultural, classe social, entre outros e a presença do preconceito com relação a isto.

Participaram da pesquisa 28 alunos da 1ª série do Curso de Formação Docente, por se tratarem de futuros professores que na prática do seu trabalho poderão recuperar e manter ativas as raízes culturais, com reconhecimento dos



valores do campo. O questionário foi aplicado pela professora de Geografia, evitando assim o contato da pesquisadora com os participantes da pesquisa.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

O questionário (ver apêndice A) contendo cinco questões foi aplicado em fevereiro de 2014 para alunos da 1ª série do curso Formação de Docente do Colégio Estadual Anchieta, localizado no município de Cruzeiro do Oeste, sem o contato da autora da pesquisa, para que não ocorresse nenhum tipo de influência nas respostas.

Na primeira questão foi solicitado aos alunos que fizessem uma “descrição de como é um caipira pra eles”. Segue transcrição fiel das respostas:

*“É uma pessoa que vive no sertão, que não entende muito da cidade.”*

- 1- *“É alguém que vive no campo e trabalha lá.”*
- 2- *“É um homem que vive no campo. Que mexe com animais.”*
- 3- *“É uma pessoa que fica desligado das coisas da cidade.”*
- 4- *“Se veste de modo diferente, alguns moram no sertão.”*
- 5- *“Ele fala muito diferente da gente ele fica com um pedaço de palha na boca, se veste com roupas meio rasgada e chapéu.”*
- 6- *“É uma pessoa que vive no campo.”*
- 7- *“É uma pessoa que mora no sítio cuida de animais ordenha vaca essas coisas e uma pessoa que fala muito diferente.”*
- 8- *“É um homem simples, que usa trajes chadres, tem um mode de vida mais humilde, com o sutaque puxado.”*
- 9- *“É uma pessoa que não tem os mesmos costumes que uma pessoa da cidade, que tem um linguajar não formal, que se veste diferente.”*
- 10- *“É aquele homem que vive no gosto do rodeio e de roupas xadrez e chapéu.”*
- 11- *“É uma pessoa simples.”*
- 12- *“É uma pessoa norma igual a mim feito de carne e osso; so que com qualidades melhores e defeitos.”*
- 13- *“É uma pessoa que vive no interior.”*
- 14- *“É uma pessoa que mora no sítio, fora da cidade que tem uma linguagem diferente mais “ocê”.”*
- 15- *“É uma pessoa simples, as veses fexada com um jeito puxado de falar.”*
- 16- *“É uma pessoas que gosta de coisas antigas tipo o forró.”*
- 17- *“É uma língua diferente do Português falam as palavras erradas.”*
- 18- *“São pessoas que vivem longe das cidades e que tem a maneira mais simples de falar.”*
- 19- *“Pra mim um caipira é uma pessoa normal que vive no campo.”*
- 20- *“É uma pessoa que nasceu e cresceu em fazenda e sítios.”*
- 21- *“Pra mim não fala as palavras corretas, não se enturma com pessoas com uma classe mais alta é vergonhoso etc.”*
- 22- *“Pra mim é uma pessoa que vive no campo e nunca teve a oportunidade de ir para uma escola.”*
- 23- *“É alguém que mora distante da cidade e não tem estudos.”*
- 24- *“É um homem de pouca escolaridade.”*
- 25- *“Pra mim é uma pessoa que vive no campo não, tem muita educação, fala puxado e as vezes tem vergonha de tudo.”*
- 26- *“É uma pessoa com pouca escolaridade que vive em uma região afastada da cidade.”*

- 27- Pra mim é uma pessoa que vive no campo não, tem muita educação, fala puxado e as vezes tem vergonha de tudo;
- 28- É uma pessoa com pouca escolaridade que vive em uma região afastada da cidade.

Nota-se preconceitos com relação ao linguajar e a escolaridade. A maioria ainda vê o caipira como uma pessoa que vive no campo, sítio, interior ou sertão, enfim longe da cidade e que não teve oportunidades de estudos. Alguns também fizeram julgamentos depreciativos nos remetendo a citação de Scherre (2008) onde afirma que procedimentos como este conseqüentemente geram humilhação ao outro.

Na segunda questão realizou-se uma sondagem sobre o jeito de falar do caipira, se é melhor ou pior que do homem da cidade e por quê?

- 1- *“É pior. Porque as vezes aos pessoas não entende o que o caipira fala;*
- 2- *“O caipira tem um sotaque diferente só que acredito que é tudo a mesma coisa.”*
- 3- *“Bem de uma certa forma é pior porque ele não teve acesso a escola, mas o jeito de falar dele não merece ser discriminado.”*
- 4- *“Pior porque tem coisas que eles dizem que não dá pra entender.”*
- 5- *“As vezes é melhor e pior. Porque no sertão é vários tipo de sotaque.”*
- 6- *“Pior. Porque as vezes não entendemos o que ele fala porque é um pouco enrolada as palavras.”*
- 7- *“É diferente porque eles tem tipo um sotaque.”*
- 8- *“Pior, porque eles falam tem vez que o homem da cidade não consegue entender.”*
- 9- *“É pior porque eles falam diferente um pouco.”*
- 10- *“Pior. Um jeito puxado, trocado as palavras.”*
- 11- *“Pior, porque muitas vezes não falam corretamente, sempre falam de uma maneira mais solta sem compromissos de certo ou errado.”*
- 12- *“Eu acho que é pior. Porque o homem da cidade fala melhor do que o do caipira.”*
- 13- *“Pior, porque o homem caipira é simples.”*
- 14- *“Os dois sentidos, por que é uma língua não formal e não está no nosso dia a dia. Mas para eles é normal por que já estão acostumados.”*
- 15- *“É o mesmo jeito, pois o caipira tem seu próprio jeito de falar com palavras puxadas.”*
- 16- *“Pior, porque há varias palavras diferentes de entender.”*
- 17- *“Pior porque é um jeito estranho de falar, as vezes até difícil de entender.”*
- 18- *“É pior, porque eles fala meio errado e isso é normal para eles.”*
- 19- *“É pior porque tem palavras que é difícil de se interpretar ou seja mais simples.”*
- 20- *“Pior. Por que as vezes eu não entendo bem a linguagem caipira e o homem da cidade fala as palavras e as conversas são certas;*
- 21- *“Melhor, porque gosto de pessoas com sotaque.”*
- 22- *“Pior, porque existem pessoas que não compreendem a fala e algumas escrevem errado.”*
- 23- *“É pior. Por que o caipira foi criado no interior na simplicidade e o homem da cidade cresce um pouco mais aperfeiçoado;*
- 24- *“Eu acho que é pior, porque eles quebram as vezes o português;*
- 25- *“Pior pois o caipira não tem todos estudos e fala palavras erradas. E o homem da cidade pode ter estudos e falar bem.”*
- 26- *“Pior, pois não tem escolaridade.”*
- 27- *“Na minha opinião eu acho pior porque as vezes a gente não consegue entender quase nada por eles falarem modo de peão.”*
- 28- *“Pior, porque o caipira não teve muitas oportunidades de estudo.”*

A maioria se posicionou afirmando que o linguajar caipira é de difícil entendimento com sotaque puxado e com erros de português. Comprovando o mito

4 de Bagno, (2002, p 40) “a pessoa sem instrução fala tudo errado”.

A terceira questão tinha por objetivo verificar a opinião dos participantes sobre a possibilidade dos moradores da cidade ser mais inteligentes que os moradores do campo:

- 1- *“Sim, Porque ele tem mais conhecimento da tecnologia e o caipira só tem conhecimento da vida do campo.”*
- 2- *“Acredito que não os dois tem a mesma capacidade de aprendizagem.”*
- 3- *“Não, não acho que só porque o homem da cidade teve acesso a escola ele seja mais inteligente.”*
- 4- *“Sim, porque na cidade tem mais oportunidades que no campo.”*
- 5- *“São todos iguais. Porque são todos seres humanos que podem estudar, “E adquirir reconhecimentos.”*
- 6- *“Eu acho que sim porque o homem do campo só sabe de cavalo, vaca e de fazenda o homem da cidade sabe de muitas outras histórias.”*
- 7- *“Sim porque o homem da cidade tem a capacidade mais avançada.”*
- 8- *“Sim porque o homem da cidade estuda sabe de coisas e o homem do campo não sabe nem fazer uma conta.”*
- 9- *“Porque o homem da cidade tem mais estudo do que o homem do campo.”*
- 10- *“Não. Pois o homem que mora no sítio já é mais esperto, pensativo que não precisa das frescuradas.”*
- 11- *“Sim, por que muitas vezes o homem do campo não tem estudo e o da cidade tem.”*
- 12- *“Não! Mais o homem da cidade tem mais possibilidade de ser mais inteligente.”*
- 13- *“Sim. Porque é mais estudado.”*
- 14- *“As vezes sim e as vezes não! Por que eles tem estudo em casa e vem para escola igual a mim! E são bem mais conhecidos sobre florestas.”*
- 15- *“Não. Pois o homem da cidade é estudado, já o homem caipira não tem estudo, só que hoje em dia o homem caipira pode estudar.”*
- 16- *“Sim, porque na cidade tem como ter acesso a uma escola e o homem do campo é meio difícil.”*
- 17- *“Sim, porque tem acesso mais a escola e pessoas.”*
- 18- *“O homem do campo é mais inteligente, porque ele inventa cada coisa boa do que o homem da cidade.”*
- 19- *“Provavelmente ele é porque tem lugares nos campos que não tem escolas e muitos ajudam sua família no trabalho e na cidade tem mais escolas e escolas perto.”*
- 20- *“Não a inteligência vem da gente mesmo só basta a gente querer a inteligência não escolhe nós e nós que temos que tela no Dia-a Dia;*
- 21- *“Nós podemos dizer que são inteligências diferentes, o homem do campo sabe mais das coisas do campo e o homem da cidade das coisas da cidade.”*
- 22- *“Não, pois todos tem a capacidade de aprender.”*
- 23- *“Bom na minha opinião eu acho que sim e não também. Porque muitas pessoas do sítio tem estudos.”*
- 24- *“Não, porque homens do campo sabem de muita coisa que o homem da cidade não sabe.”*
- 25- *“Não. Os homens do campo mexe com suas plantações, cuidados, com os animais etc.”*
- 26- *“Não por o homem da cidade e mais adaptado a tecnologia.”*
- 27- *“Eu acho que na inteligência as vezes não tem nenhuma diferença acho que são iguais sim.”*
- 28- *“Depende, o caipira pode indender mais do campo, plantil etc. já o homem da cida indente da tecnologia etc.”*

Vê-se que a discriminação é social, pois as famílias do município de Cruzeiro do Oeste não ficam mais isoladas em suas propriedades como antes acontecia, hoje em dia contam com transporte tanto próprio como coletivo (ônibus, peruas, vans). Os

jovens do campo estudam nas escolas urbanas e seu linguajar se equipara aos que vivem na cidade. No entanto, a maioria dos participantes afirma que o homem da cidade é mais inteligente devido a maior facilidade de acesso as fontes de conhecimento.

Na quarta questão os participantes foram questionados sobre o fato de haver uma ligação entre o caipira e o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato:

- 1- “Não.”
- 2- “Não.”
- 3- “Não, penso em boiadeiros e piões.”
- 4- “Não.”
- 5- “Não.”
- 6- “Não.”
- 7- “Sim.”
- 8- “Não, porque eu nem conheço o Jeca Tatu.”
- 9- “Quando falam do caipira eu acho legal.”
- 10- “Não. Pois nem todos são iguais.”
- 11- “Sim, por que sempre os caipiras são mais matutos.”
- 12- “Não, penso mesmo linguagem diferente e engraçada.”
- 13- “Não. Porque não existe só ele de caipira.”
- 14- “Não.”
- 15- “Não.”
- 16- “Sim.”
- 17- “Não.”
- 18- “Quando fala do caipira, eu acho suber legal com isso.”
- 19- “Não. Só pelo jeito de falar do Jeca.”
- 20- “Não.”
- 21- “Não.”
- 22- “Não.”
- 23- “Não.”
- 24- “Sim.”
- 25- “Sim.”
- 26- “Não Porque nem todos os caipiras é ignorante.”
- 27- “Não penso desse jeito não.”
- 28- “Não, eu penso em uma pessoa do sertão.”

Esta pergunta teve como objetivo averiguar se a personagem do Jeca Tatu tinha ainda alguma representação caricatural do caipira brasileiro, “Jeca era um caipira de aparência desleixada, com a barba pouco densa, calcanhares rachados, pois ele detestava calçar sapatos. Miserável, detinha somente algumas plantações, apenas para sua sobrevivência. Sem cultura, ele não cultivava de forma alguma os necessários hábitos de higiene” (SANTANA, 2014).

A maior parte dos alunos não fez relação ao estereótipo do Jeca Tatu com o homem do campo, apesar da imagem negativa construída e enraizada no pensamento dos brasileiros, tudo indica que esta relação está perdendo força.

Para finalizar a pesquisa, os participantes responderam se gostariam ou não de morar no campo e por quê?

- 1- *“Sim, Porque a vida no campo é mais tranquila no campo você pode plantar o seu próprio alimento e etc no campo tudo é mais gostoso.”*
- 2- *“Sim, pois no campo é mais calmo.”*
- 3- *“Sim, até já vivi, é local muito agradável, longe da cidade.”*
- 4- *“Sim.”*
- 5- *“Sim, porque é um lugar tranquilo pra si viver.”*
- 6- *“Sim, Porque é bom viver em um lugar diferente e produtivo.”*
- 7- *“Não, porque não sou muito chegada em morar no campo.”*
- 8- *“Sim porque é grande tem lugar pra brincar tem animais pra andar, alimenta, também não tem muito barulho da pra descansar bastante.”*
- 9- *“Sim. Por que o campo é mais limpo do que a cidade que é um pouco poluída.”*
- 10- *“Sim. Porque é um lugar tranquilo, aconchegante e um lugarzinho próprio.”*
- 11- *“Sim, é um lugar bom, tranquilo com animais, árvores, frutos, na verdade é quase um paraíso.”*
- 12- *Sim, porque acho legal morar no campo.”*
- 13- *“Não porque não gosto.”*
- 14- *“Já vivi e gostei Por que lá não tem poluição desmatamento e bem mais lindo que a cidade.”*
- 15- *“Sim. Porque o campo, é um lugar tranquilo, calmo.”*
- 16- *“Sim porque no campo é um lugar sossegado tem animais e acordamos com o cantar do galo pela manhã.”*
- 17- *“Sim, porque é um lugar tranquilo.”*
- 18- *“Eu gostaria, porque eu acho muito bom viver com os animais, com as árvores etc.”*
- 19- *“Ainda eu não tenho vontade de viver no campo mais se eu queria iria pelo seu ambiente calmo.”*
- 20- *“Sim gostaria Porque é um lugar sossegado e viver nos meios das flores dos animais e etc.”*
- 21- *“Sim, pois parece que a qualidade de vida é melhor lá.”*
- 22- *“Não, porque fica longe da sociedade, das lojas, mercados, e em tempos de chuva é difícil para sair por causa da areia.”*
- 23- *“Gostaria, Porque eu acho que é um lugar tranquilo fica próximo da natureza, você respira um ar mais limpo, mais livre.”*
- 24- **NÃO RESPONDEU.**
- 25- *“Sim, porque gosto de lugares distantes da cidade.”*
- 26- *“Não porque eu prefiro morar na cidade acho o campo muito quieto.”*
- 27- *“Não, eu não gostaria porque não gosto do campo curto mais cidade.”*
- 28- *“Não, eu já sou acostumado com a cidade e não sei lidar com a natureza em seu todo.”*

O preconceito dos participantes se deu mais com a pessoa que vive no campo e não com o campo em si, pois a maioria demonstrou interesse em viver no campo. A pesquisa veio demonstrar que ainda o preconceito e a discriminação são de aspecto social baseadas nas divisões por categorias criadas historicamente por aqueles que estavam no poder e o homem do campo está inserido nessas categorias menos privilegiadas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas respostas dos alunos foi possível perceber que ainda há uma visão de que a pessoa do campo é mais atrasada do que aquelas que vivem nas cidades, com trabalhos mais rústicos e penosos e com menos opções para seu

desenvolvimento humano. Acreditam que na cidade a vida é mais fácil, mais promissora e atraente, embora gostem também do campo. Quanto ao linguajar dentro da escola, praticamente não ocorre discriminação, pois com o passar do tempo as famílias mais jovens do município foram perdendo a linguagem rural da cultura brasileira, no entanto percebe-se o preconceito dos mesmos para com aqueles que ainda apresentam esse tipo de linguagem, isto é, os mais idosos ou aqueles que vivem mais isolados em suas propriedades.

Os dados coletados por meio da pesquisa serão repassados aos professores e Equipe Pedagógica do colégio para que trabalhem com os alunos a respeito das questões nas quais demonstraram maior discriminação com o objetivo de diminuir cada vez mais os conceitos preconceituosos e promover aceitação com mais naturalidade das diversidades da sociedade.

É aí que entra o entendimento dos professores e de todos aqueles que estão envolvidos no processo educacional, valorizando o conhecimento que cada indivíduo trás de sua vivencia, trabalhando a conscientização de que todos embora diferentes são importantes, cada qual é uma parcela que vem somar e enriquecer o universo social. Mostrando ao aluno que a norma culta e a norma social dos falantes são aceitas, pois cada qual é usada em diferentes situações na vida e que desmerecer qualquer variante da língua é preconceito cultural/social/linguístico.

Está longe de nos livramos de vários mitos, embora muitos passos já foram dados para definir novas concepções que estão surgindo principalmente para a construção da Educação básica no campo, pois, conforme aponta Arroyo e Fernandes, 1999, “o povo do campo tem todo direito à uma educação básica quanto os nossos filhos na cidade” .

Os atuais e os futuros professores deverão estar capacitados para atender plenamente esta escola do campo que está sendo construída com muita luta. Segundo Arroyo e Fernandes (1999, p. 51) “Uma escola do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construa conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população”.

Cabem discussões na sociedade para combater as desigualdades e valorizar a diversidade humana, só assim os moradores do campo poderão romper com a visão negativa que a história sócio cultural lhe impôs e promover mudanças da mentalidade antiga para novas visões de homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília, DF, 1999. Disponível em: < <http://www.economia.esalq.usp.br/intranet/uploadfiles/944.pdf> > Acesso em: 12 de jan. 2014.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico – o que é, como se faz**. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Maxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Veira. São Paulo: Hucitec, 1998 [1929].

CHOMSKY, N. **Biografia**. disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/noam-chomsky/>> Acesso em 02 de abr. 2014.

CHOMSKY, N. **Knowledge of. Language: its nature, origin and use**. New York Preeger, 1986.

FERNANDES, B. M., CERIOLI, P. R. e CALDART, R. S. Primeira Conferência Nacional “Por Uma Educação Básica do Campo”: texto preparatório. In: ARROYO, M. Gonzalez, CALDART, R. S. MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004. p. 19 – 63.

OLIVEIRA, Marta Khol.Vygostky: **Aprendizado e Desenvolvimento**: um processo sócio – histórico. 4 ed. São Paulo: Scipione, 1999. (Pensamento e Ação no Magistério).

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. D.E.L.T.A., n. 9, p. 83-103, 1993.

SANTANA, Ana Lucia. **Jeca Tatu**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/jeca-tatu/>> Acesso em 02 abr. 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Entrevista sobre Preconceito lingüístico, variação e ensino concedida a Jussara Abraçado**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário, n. 36, p. 11-26, 1. Sem. 2008b.

**APÊNDICE****UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL****Pós-Graduação *Lato Sensu* em Preconceito Linguístico****Pesquisa realizada com os alunos das 1ª séries do curso Formação Docente do  
Colégio Estadual Anchieta**

1 – Descreva como é um caipira pra você.

---

---

---

2- O jeito de falar do caipira é melhor ou pior que do homem da cidade?

---

---

---

3- O homem da cidade é mais inteligente que o homem do campo? Por quê?

---

---

---

4- Quando se fala do caipira, você logo pensa no Jeca Tatu e na sua ignorância?

---

5- Você gosta ou gostaria de viver no campo? Por quê?

---

---

---

**Muito obrigada por sua colaboração!**